

LITERATURA E HISTÓRIA NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O BRASIL NAS OBRAS DE CALDRE E FIÃO, JOSUÉ GUIMARÃES E VALESCA DE ASSIS

LITERATURE AND HISTORY IN THE CONTEXT OF GERMAN
IMMIGRATION TO BRAZIL IN THE WORKS OF CALDRE AND FIÃO,
VALESCA DE ASSIS AND PEDRO STIEHL

Gerson Roberto Neumann

Doutor em Germanística pelo Freie Universität Berlin (Berlin/Alemanha).

Professor Associado de Literatura e Língua Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

E-mail: gerson.neumann@gmail.com

Recebido em: 4 de setembro de 2020

Aprovado em: 28 de novembro de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 1 | p. 84-98 | jan./abr. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2425>

RESUMO

A chegada de imigrantes da região de língua alemã ao Brasil ocorre na primeira metade do século XIX. Vários fatores levam ao movimento de milhares de pessoas da região de língua alemã a diversas partes do mundo e, da mesma forma, são muitos os fatores que levam à busca de pessoas para a colonização das terras brasileiras. Uma vez em terras brasileiras, o imigrante passa a reproduzir no novo meio elementos culturais trazidos da sua terra, do seu meio, e com isso ocorre a difusão da diversidade cultural presente em contextos de migração. Também a literatura é um dos elementos culturais que o (i)migrante passa a praticar no novo meio. Desta forma, propomos apresentar três autores brasileiros que trazem elementos da cultura alemã para livros da literatura brasileira.

Palavras-chave: Migração. Literatura. Cultura.

ABSTRACT

Die Ankunft von Einwanderern aus dem deutschsprachigen Raum nach Brasilien erfolgt in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts. Mehrere Faktoren führen dazu, dass Tausende von Menschen aus dem deutschsprachigen Raum in verschiedene Teile der Welt abwandern: Einmal in brasilianischen Ländern angekommen, beginnt der Einwanderer in seiner neuen Umgebung kulturelle Elemente, die er aus seinem Land, aus seiner Umgebung mitgebracht hat, zu reproduzieren, und damit erfolgt die Diffusion der in Migrationskontexten vorhandenen kulturellen Vielfalt. Die Literatur ist auch eines der kulturellen Elemente, die der (i)Migrant in der neuen Umgebung zu praktizieren beginnt. So schlagen wir vor, drei brasilianische Autoren vorzustellen, die Elemente der deutschen Kultur in Bücher der brasilianischen Literatur einbringen.

Keywords: Migration. Literatur. Kultur.

1 INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por um forte movimento migratório de europeus, desde o início, em que a sua história é narrada pelos europeus, e de africanos, devido ao tráfico de escravos de terras do continente africano para o país sul-americano. Por isso, o país se caracteriza pela sua diversidade étnico-cultural, o que é naturalmente refletido na sua produção artístico-cultural, apesar de muitas vezes o reconhecimento da diversidade não ser oficial. Um dos novos personagens que fará parte da história do Brasil e da formação do povo brasileiro é o imigrante de origem alemã, um grupo minoritário que passará a fazer parte do país, principalmente, a partir dos anos vinte do século XIX.

A partir do ingresso dos imigrantes alemães no Brasil inicia-se um processo cada vez mais intenso de imigração, não somente de alemães, mas de diversos outros grupos étnicos, o que imediatamente causará muito estranhamento à sociedade de então, formada basicamente pelo tripé: índios, portugueses e escravos africanos.

Antes disso, o Brasil já recebera imigrantes alemães para formar colônias, geralmente organizadas a partir de iniciativas particulares, mas o ano de 1824 marca o início de um ingresso contínuo, com apoio oficial do governo imperial (PELLANDA, 1925; CARNEIRO, 1950; HUNSCHE, 1978).

Com a presença de alemães no novo contexto obviamente ocorrerá que eles sejam observados e percebidos pelo outro já fixado há mais tempo no local, o brasileiro, e isso fará com que eles sejam inseridos e representados, positiva ou negativamente, na política, na vida social e na produção artística brasileiras. Desta forma, apresenta-se já em 1847, na obra *A divina pastora*, de Caldre Fião, Clarinha, a filha de um imigrante alemão, Hendrichs (AQUINO, 2007; MOMBACH, 2008).

São, portanto, alguns anos para se dar a primeira inserção da figura de imigrantes alemães na literatura brasileira. No século XIX não são registradas muitas referências na literatura, mas a presença do elemento (cultural) alemão será constante na literatura brasileira com a presença de imigrantes e de seus descendentes no país. Como exemplos, pode-se citar, além de Caldre e Fião (1847), Graça Aranha (1902), Vivaldo Coaracy (1924), Mário de Andrade (1927), Vianna Moog (1938), Bayard de Toledo Mércio (1940), Erico Veríssimo (1949-62), Josué Guimarães (1972 e 1975) e autores contemporâneos, dentre eles dois a serem apresentados a seguir.

Citados acima estão os autores que poderíamos chamar de canônicos, por serem referências já consagradas quando se trata da presença de imigrantes alemães na literatura brasileira. Estes autores apresentam, portanto, uma imagem do imigrante alemão, e muitas vezes já o seu descendente nascido no Brasil. Depois dessa primeira representação, contudo, muitos outros autores têm destacado elementos germânicos (imigrantes e descendentes) em suas obras. Alguns mais conhecidos do público

leitor brasileiro, outros menos, uns já estudados outros ainda não. Destacamos, a seguir, alguns autores, cujas obras merecem uma especial atenção. São eles: Pedro Stiehl (*Bárbaros no paraíso* [2003] e *Rapsódia em Berlim* [2006]); Jairo Scholl Costa (*O pescador de arenques* [2007]); Guido Kopittke (*Na companhia das tias* [2004] e *Enchentes* [2010]); Valesca de Assis (*A valsa de Medusa* [1989] e *A colheita dos dias* [1992]); Charles Kiefer (*Valsa para Bruno Stein* [1986] e *Quem faz gemer a terra* [1991]), Lya Luft (*A asa esquerda do anjo* [1981] e *Reunião de família* [1982]), Ivania Fernandes Habkost (*Um rio entre nós* [2004]). Contudo, novas publicações continuam surgindo e estas devem ser objeto de estudo no projeto passar desenvolvido no Instituto de Letras da UFRGS.¹

Ao longo do projeto devem ser respondidas algumas perguntas: Como é o elemento germânico na obra especialmente desses novos autores? Existe uma unidade nesse grupo de imigrantes? Ou seja, é possível identificar o imigrante alemão e toda a imigração alemã no Brasil como um movimento uniforme ou haverá outras identidades (políticas, religiosas, regionais, de gênero etc.) representadas neste grupo imigrante? Esse imigrante continua sendo um imigrante, um estranho aos demais habitantes? O que é o Brasil para este “alemão”? Existe nele – no imigrante – um sentimento de pertencimento nacional ao Brasil? Como é a sua relação cultural e linguística apresentada nas obras? Que referências à cultura alemã, assim como à língua, são feitas nas obras trabalhadas? Há referências à literatura alemã nas obras da Literatura Brasileira? São, portanto, muitas questões que norteiam a pesquisa em torno da presença de elementos da cultura alemã na literatura brasileira.

Pretende-se apresentar, portanto, a relação do Brasil com a questão imigratória alemã no século XIX, o que por sua vez pode ser visto como o movimento que traz consigo a presença de elementos culturais, em especial, na Literatura Brasileira.

Pretende-se apresentar e comentar autores do grupo apresentado acima como canônico – ou conhecidos da maioria do público –, e pretende-se também novos autores, comentando as suas obras e destacando os elementos que as caracterizam como relevantes para a análise daquilo que se propõe.

¹ Trata-se do projeto de pesquisa intitulado “Os alemães e seus descendentes na Literatura Brasileira – sua representação em novos autores e a formação de um acervo”, que tem por objetivo realizar o registro das obras da Literatura Brasileira que trazem elementos (culturais) alemães. Trata-se de um projeto que a princípio deve ser de longa duração, pois se pretende acompanhar o tema em novas publicações surgidas com o passar do tempo e, dessa forma, poder acompanhar o desenvolvimento da temática. Além disso, interessa-nos reunir toda produção secundária sobre cada obra e autor; isto é, registrar o maior número possível de estudos realizados sobre autor e obra, e a partir desse “banco de dados” estimular e fomentar outros estudos a partir dos dados que se oferecem.

2 O BRASIL E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

No século XIX, a Europa é marcada por grandes instabilidades, especialmente políticas, que por sua vez refletiram em diversas direções, gerando situações de grande empobrecimento da população. A Alemanha não tinha colônias para onde pudesse enviar seu excedente populacional: os centros urbanos cresciam, havia muitos miseráveis e outros tantos eram alvos de perseguições político-religiosas. Para muitos, restava a opção da emigração e, logo que os agentes divulgadores do eldorado das Américas apareceram, a procura foi grande. Os governos assistiam a tudo com bons olhos e incentivavam, por acharem que era o melhor para todos. O século XIX marca, na Europa especialmente, o período da formação de estados nacionais. Na Alemanha, houve a tentativa de formação de uma unidade nacional com a Revolução de 1848, mas a mesma foi abafada politicamente pelos articuladores do poder e assim a Alemanha se torna uma unidade somente em 1871, tendo uma forte estrutura militar como suporte para a manutenção do estado nacional.

Com tal situação, a grande maioria optou pela emigração, sendo a motivação econômica o principal motivo; uma minoria, em comparação, optou pela emigração por causa de perseguições político-religiosas. O principal grupo perseguido por motivos políticos foi o dos revolucionários de 1848, que tentaram unir os diversos estados dispersos em principados para formar uma nação alemã. Depois da tentativa frustrada, em torno de 1300 revoltosos ingressaram no Brasil, destacando-se Karl von Koseritz no cenário brasileiro.

A independência política do Brasil de Portugal ocorre em 1822, depois de ter tido a família imperial portuguesa como hóspede por 13 anos (1808 - 1821), quando o Rio de Janeiro foi transformado na sede do governo português. Para conseguir o reconhecimento de sua independência, uma das exigências foi abolir o comércio de escravos negros. Desta forma, o país viu-se forçado a tomar uma atitude. A intenção inicial do governo imperial brasileiro com a imigração era trazer soldados para integrarem o *Corps d'Etrangers*, em 1823, com a finalidade de assegurar-se a independência, visto que Portugal a tinha reconhecido apenas como uma rebelião. Contudo, como na Europa, após a derrota de Napoleão, era proibida a requisição de soldados, o agente contratado pelo imperador brasileiro - Major von Schäffer - viu-se forçado a fazê-lo clandestinamente com o envio de colonos, que deveriam ser maioria. A entrada de colonos europeus também era objetivo da corte, pois com eles pretendia-se povoar as terras da região sul, ainda sem fronteiras concretamente definidas em relação às castelhanas - a disputa pelas fronteiras com os castelhanos era um problema antigo oriundo das disputas entre Portugal e Espanha pelas terras da América do Sul - o que causou problemas também para os imigrantes em períodos de disputas mais

acirradas, quando os imigrantes muitas vezes ficavam no meio do fogo cruzado.² Com a chegada dos imigrantes alemães, inicia-se, também, o projeto de branqueamento do país, visto que o comércio de escravos já estava sendo reprimido.

Como vimos, a Alemanha passava por diversos problemas políticos e sociais e, como não tinha colônias, para onde pudesse enviar seu excedente populacional, permitiu que os interessados que se sentiam atraídos pela oferta do governo brasileiro pudessem emigrar. Uma unidade política em relação à emigração, porém, nunca existiu. O Brasil, por sua vez, divulgou a possibilidade de colonização de suas terras à Alemanha, Suíça e Itália por esses países não possuírem colônias na América do Sul. Seria de grande risco, segundo o governo na época, negociar a imigração de pessoas oriundas da França, Espanha, Holanda ou Inglaterra, devido a conflitos anteriores.

As promessas feitas pelo governo imperial brasileiro, no entanto, não foram cumpridas integralmente. O que fora propagandeado aos alemães, que seria demarcar terras prontas para o plantio e providenciar ferramentas de trabalho, sementes e animais, não foi cumprido. As terras foram demarcadas (cada imigrante recebia um lote de 70 hectares), mas isso geralmente depois de longo período; porém, o mais desanimador para os imigrantes foi constatarem que as terras eram simples lotes cobertos de mata fechada, sem nenhuma possibilidade de habitação imediata e muito menos de plantio. A propaganda enganosa, porém, não partia do governo, mas por parte dos agentes de imigração, como afirma Dreher:

com a finalidade de mover o maior número possível de pessoas para a emigração ao Brasil, Schaeffer e outros agentes faziam promessas que não eram aprovadas pelo governo brasileiro e que, em parte, contrastavam com a constituição brasileira. (DREHER, 1984, p. 31).

Os primeiros emigrantes a se estabelecerem no Rio Grande do Sul saíram da região noroeste da Alemanha - de Hamburg, Holstein, Mecklemburg, e de Hannover, um grupo predominantemente protestante. Somente dois anos depois, em 1826, saíram os primeiros da região do Hunsrück, de predominância católica. No livro *História da vida privada no Brasil*, Alencastro e Renaux dividem a origem e o espaço temporal da imigração da seguinte forma: 1830-50 - do Sudoeste alemão, emigrantes de estrutura econômica agrícola e artesãos rurais; 1850-65 - Norte e Leste, oriundos das regiões agrárias; 1865-95 - do restante da Alemanha, grupos sociais empobrecidos, artesãos e pequenos empresários, sendo que depois de 1880 a maioria dos emigrantes passa a ser de procedência urbana (1997, p. 318).

² Josué Guimarães desenvolveu essa abordagem de forma romancada na obra de dois volumes intitulada *A Ferro e Fogo I - Tempo de Solidão* e *A Ferro e Fogo II - Tempo de Guerra*, publicada pela L&PM.

O número de alemães imigrados, conforme a pesquisa de Maria Thereza Schorer Petrone, *O imigrante e a pequena propriedade*, existe, porém, um grande número de estimativas divergentes sobre a questão. Conforme o estudo, até 1929 teriam ingressado no Brasil 223.000 imigrantes alemães. Enquanto isso, a nível de comparação, até o mesmo período, ingressaram 1.485.000 italianos, 1.321.000 portugueses, 583.000 espanhóis e 86.000 japoneses.³ Já Emílio Willems, no livro *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, cita a estatística oficial do *Departamento Nacional do Povoamento*, segundo a qual 65.000 alemães teriam entrado no Brasil até 1914. Ele cita ainda outros números, os do *Anuário Estatístico do Brasil*, de 1939/1940, segundo o qual, com uma diferença até exagerada em relação à primeira, teriam ingressado no Brasil 170.645 imigrantes somente no período de 1884 a 1939.⁴ Também quanto à questão numérica, é importante ressaltar que a América do Sul recebeu um contingente bem menor de emigrantes europeus comparando-se ao que ingressou na América do Norte. De 1820 a 1861 emigraram da Europa para os Estados Unidos cerca de cinco milhões de pessoas; e até 1850 haviam entrado no Brasil menos de 50.000. Na América Latina, a Argentina é o país que recebeu o maior número de europeus. O Brasil fica em segundo lugar.

A partir da apreciação dos dados apresentados, podemos ter uma representação de como é o emigrante alemão que sai de sua terra natal por motivos econômicos, principalmente, mas também ideológicos, para adotar uma nova pátria, onde espera encontrar liberdade e autonomia, trabalhando por um futuro melhor e está ciente de que não mais voltará ao seu *Heimat* (sua terra natal).

Além dos motivos que levaram tantas pessoas a sair de sua terra com a intenção de achar uma situação melhor, é importante salientar ainda, que não foram somente esses os motivos da imigração. Há ainda um outro elemento. Muitos camponeses de situação relativamente boa foram convencidos pelos agentes de emigração, optando pelas vantagens enganosas, que lhes eram prometidas no Brasil. Destes, muitos opunham-se a trabalhar em fábricas, pois sabiam que perderiam as terras - pequenas propriedades geralmente - devido aos altos custos para a sua manutenção. Assim, podendo escolher entre ser trabalhador rural, trabalhar na indústria ou emigrar, optavam pelo último. A atração que a possibilidade de emigração e seus benefícios exercia sobre as pessoas que ficavam inicialmente é muito grande. A emigração transforma-se em um movimento febril, que leva multidões a se deslocar.

³ Sobre os números, ver PETRONE, M. T. S., 1984, p. 11-13.

⁴ WILLEMS, E. 1946, p. 65. Ver também ROCHE, 1969; NOVAIS, 1997; HUNSCHE, 1975; FOUQUET, 1974; KREUTZ, 1991; DREHER, 1984, NEUMANN, 2005.

3 A PRESENÇA DE ELEMENTOS (CULTURAIS) ALEMÃES NA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira referência à presença de imigrantes alemães em terras brasileiras dá-se, portanto, com a presença da família Hendrich, “constituída pelo pai, pela filha Clarinda e pelo filho Antonico.” (AQUINO, 2007, p. 89).

Passaremos a apresentar a seguir os autores brasileiros que trazem elementos da presença cultural alemã e de hibridização cultural alemã-brasileira na Literatura Brasileira, apresentando-os sempre brevemente e citando uma passagens em que se possa observar a presença desses elementos culturais.

3.1 A *DIVINA PASTORA*, DE JOSÉ ANTÔNIO DO VALE CALDRE E FIÃO (1847)

O escritor José Antônio do Vale Caldre e Fião, mais conhecido como Caldre e Fião, nasceu em Porto Alegre, no dia 24 de outubro de 1824 e morre em 30 de março de 1876 na mesma cidade, à qual retorna depois de um período no Rio de Janeiro. Foi escritor, jornalista, político, médico e professor. Conforme Pedro Brum Santos,

Caldre e Fião, sulista ignorado fora de sua região de origem, além de figurar entre os primeiros romancistas brasileiros, explorou temas e motivos que mostram sua perfeita sintonia com os de sua época. Basta compará-lo, por exemplo, a José de Alencar, o principal autor do tempo, que lhe é posterior, para verificar a existência de uma interlocução interessante entre ambos, sobretudo no que diz respeito à exploração ficcional da geografia do vasto – e desconhecido – território brasileiro. (SANTOS, 2008, s.p.).

A divina pastora é o primeiro romance do Rio Grande do Sul e segundo publicado no Brasil, depois de *A Moreninha*, romance de Joaquim Manoel de Macedo. Publicado em 1847, ele narra a intriga centralizada em Edélia, a “divina pastora”, uma linda donzela, apaixonada por seu primo Almênio. Este é um guerreiro farroupilha que por sua vez se apaixonará por Clarinda, filha de imigrantes alemães. Francisco chegará para atormentar a história. A narrativa é permeada de questões políticas que são trazidas pelo narrador e pode-se perceber a clara postura de Caldre e Fião no discurso, uma posição antisseparatista e antirrepublicana.

A seguir uma passagem em que o “gaúcho” brasileiro recebe com satisfação e encanto um dos símbolos da sua identidade, sendo passada para ele pela filha de imigrantes:

Naquele momento Clarinda deixou a casa para onde havia ido durante a conversa, trazendo em suas mimosas mãos ternas uma prateada cuia de precioso mate; ela obedecia aos usos do país hospitaleiro que recebera em seu seio sua exilada família. Almênio, recebendo a cuia das mãos de sua hóspede, mostra um donaire cavalheiresco, tão natural ao monarca das coxilhas rio-grandense. (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 34-35).

Depois da frustração amorosa com Francisco e de seu interesse pelo primo Almênio, Edélia recolhe-se a trabalhos com necessitados,

Nada de amor lhe restava no mundo. [...] não dormiu, pensando nos seus antigos e desafortunados amores com Francisco e nos seus recentes com Almênio, e achou que a Providência de Deus tinha velado sobre ela, afastando-a dessa vida de amores tão malfadados e que a tinha perturbado na sua carreira de piedade (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 189-190).

3.2 A FERRO E FOGO, A TRILOGIA INACABADA DE JOSUÉ GUIMARÃES (2003)⁵

Ao se falar da história da imigração alemã no Brasil e sua representação na literatura brasileira, não pode deixar de mencionar o jornalista e escritor Josué Guimarães e sua obra *A ferro e fogo – Tempo de Solidão* e *A ferro e fogo – Tempo de Guerra*. Sua proposta de trilogia não foi concluída por ele. A obra *A ferro e fogo* foi publicada em 1972 e 1975 respectivamente. Josué Guimarães nasceu em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, em 7 de janeiro 1921, e faleceu em 23 de março de 1986. Foi jornalista, político e escritor. Josué Guimarães enfoca a imigração alemã para o Rio Grande do Sul, desde a chegada a São Leopoldo, em 1824, até o fim da Guerra do Paraguai, em 1870. Ele levanta numerosas questões sobre a imigração para discussão, como o recrutamento de imigrantes, a distribuição de terras para o cultivo de produtos agrícolas, os conflitos entre os imigrantes e as autoridades e os habitantes locais, as revoluções e guerras em que os imigrantes participaram, os problemas linguísticos, o racismo, a escravidão, a religião, etc. Os dois volumes de *A ferro e fogo* descrevem os primeiros 50 anos de imigração. O autor consegue fazer um relato abrangente das consequências sociais do evento da imigração para o estado do Rio Grande do Sul e para o Brasil como um todo.

Catarina e Daniel Abraão Schneider protagonizam *A ferro e fogo*. No meio da guerra entre a Argentina e o Brasil (1825-28), a família Schneider é enviada pelo Sr. Gründling para a região de Chuí, na fronteira com o Uruguai. Com a promessa de trabalho e algum lucro, a família se muda para a região do conflito, mas vive momentos terríveis quando é atacada por uma tropa de soldados argentinos e armas contrabandeadas pelo Sr. Gründling são descobertas no rancho dos imigrantes. Durante o ataque, Daniel se esconde em um poço e Catarina é maltratada e estuprada pelos soldados. Depois de um tempo, a família consegue voltar a São Leopoldo e Catarina promete vingar-se do Sr. Gründling pelos perigos a que ele os expôs.

⁵ O autor Josué Guimarães recebeu uma análise mais aprofundada no texto "A emigração alemã para o Brasil e sua presença na literatura brasileira", publicado no livro LITERATURA E (I)MIGRAÇÃO NO BRASIL - LITERATURE AND (IM)MIGRATION IN BRAZIL, organizado por Wail S. Hassan e Rogério Lima, publicado pelas Edições Makunaima, do Rio de Janeiro em 2020.

Depois de recuperarem a sua posição em São Leopoldo, Catarina assume o negócio, enquanto Daniel Abraão vive isolado da vida social em um buraco debaixo da casa de onde só sai para trabalhar como carpinteiro na oficina. Sob a liderança de Catarina, a família prospera e ocupa um lugar de honra na cidade, participando também de assuntos políticos e de guerras e revoluções em que a sociedade gaúcha está envolvida.

A seguir um trecho da obra em que se pode ler o claro conflito entre as culturas que entram em atrito:

Daniel Abraham sabia que não valia a pena queixar-se. O capataz não entendeu uma palavra de alemão. E se ele suspeitou através dos gestos e dos rostos que lhe repreendiam, ameaçou-os com o chicote ou com os punhos; sem realmente o fazer, porque não eram escravos, mas patrícios loiros de Dona Leopoldina, embora pagos como pretos, tanto per capita. (GUIMARÃES, 1972, p. 11).

Theresinha Barbieri explica, no texto "Colonização a ferro e fogo", sobre o livro: "ao abordar os fatos históricos, o autor mergulha no cotidiano da família Schneider, voltando-se para o vasto campo dos sentimentos, desejos, crenças, costumes e outras situações localizadas na fronteira entre o individual e o coletivo." (BARBIERI, 1997, p. 31).

Entre as obras que tratam da imigração alemã, *A ferro e fogo* é certamente um marco importante na literatura brasileira, especialmente porque Josué Guimarães descreve a história dos imigrantes a partir de uma nova perspectiva na época, sem orgulho nacional, sem transfiguração ou discurso de sacrifício. A própria imigração e o início da vida no Rio Grande do Sul formam o tema central da trama do romance; o autor desenvolve uma série de imagens nunca antes vistas na literatura brasileira.

3.3 A VALSA DA MEDUSA, DE VALESCA DE ASSIS (1989)

Conforme se pode ler na página da autora Valesca de Assis, ela nasceu em Santa Cruz do Sul, RS, cursou Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é especialista em Ciências da Educação, pela mesma Universidade. Mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.⁶

Tristan Waldvogel, um Brummer⁷, ou seja, um mercenário alemão, chega ao cais do porto de Porto Alegre no exato instante em que o vapor para Rio Pardo levantava âncoras. O comandante é seu conhecido. A embarcação está lotada, mas Tristan consegue seguir viagem no vapor. Com a ação em movimento

⁶ As informações foram extraídas da página online da própria autora: <http://www.valescadeassis.com/?pg=4401>.

⁷ Brummer são os participantes da Revolução de 1848, mencionada acima. Depois da tentativa frustrada de implantar um ideal liberal e criar uma unidade nacional alemã, em torno de 1300 revoltosos ingressaram no Brasil, destacando-se, entre outros, Karl von Koseritz no cenário gaúcho.

inicia a história de Waldvogel na então Província de São Pedro, depois de lutar contra o ditador argentino Rosas.

O Brummer instala-se na colônia de Santa Cruz, e a narrativa nos até o seu encontro com Pauline, mulher casada, mãe de quatro filhos. No entanto, conforme a profecia da vidente Claudia, ela estaria destinada a Tristan. As reviravoltas na nova colônia de Santa Cruz no século XIX e a inquietude do ex-combatente e sempre ativo Tristan acabam por aproximar a mulher, mãe de quatro filhos do homem que agitará a sua vida em meio ao pacato cenário interiorano.

Em entrevista à jornalista Patrícia Bins, publicada em RIO GRANDE CULTURA, Julho/Agosto/91, Ano 3, nº 16, p. 04-05, a autora fala sobre sua atração pela história dos Brummer no contexto de imigração alemã no Rio Grande do Sul:

De início, interessei-me por tudo o que dissesse respeito à colonização alemã na região. Comecei a pesquisar, com o inestimável auxílio do Prof. Hardy Martin, Diretor do Arquivo Histórico e do Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz. O Prof. Martin me abriu todas as portas possíveis e forneceu preciosas indicações. No curso das pesquisas deparei-me com os brummer (oficiais e soldados alemães contratados pelo Império Brasileiro para lutar contra Rosas, em 1851). Aquelas figuras, desde logo, me fascinaram. Em contraste com a apatia política e cultural dos colonos que já habitavam a região – apatia plenamente justificável pelas próprias razões que os fizeram sair da Alemanha –, os brummer eram homens de formação superior, com idéias socialmente avançadas e uma visão de mundo mais abrangente e crítica. Elas sacudiram as colônias, difundiram a cultura alemã entre os próprios alemães, condenaram o isolamento em que viviam e serviam de ponte para a integração com os brasileiros. Assim, o tempo histórico da narrativa foi antes determinado pelos protagonistas do que pela autora.⁸

Mas a narrativa não gira somente em torno da relação do protagonista, Tristan Waldvogel, uma clara referência à figura de Tristão e Isolda, e Pauline. Há diversos temas trazidos à reflexão a partir das vivências do “pássaro silvestre” (assim seria a tradução do sobrenome de Tristan), ou seja um ser que não pode estar preso, que precisa de liberdade e movimento. Waldvogel assume a profissão de professor da colônia e na escola tem contato uma aluna sensível às belezas da literatura, pois chora em prantos ao ouvir uma frase bonita. Ao falar sobre o assunto, descobre a Frau Pauline sofre do mesmo mal,

Dona Pauline é minha mãe e, por sinal, também tem esse tipo de ataques. Qualquer coisa – um verso, um bordado, uma canção bonita – faz mamãe abrir seu chorador e aí temos uma tempestade de lágrimas. Doenças, sustos, as implicâncias da vovó, aí então,

⁸ Ver referência à página da autora na nota de rodapé 6.

quando deveria chorar, mamãe não chora; aguenta firme. No entanto, coisas belas e alegres, como uma flor que nasce, um pássaro que canta, fazem mamãe chorar. *São meus demônios do coração*, responde quando perguntamos. (ASSIS, 1989, p. 20).

Essa passagem pode ser associada ao encontro de Werther e Carlota, da obra do Sturm und Drang alemão de Johann Wolfgang von Goethe, quando estes percebem que têm muitos sentimentos em comum, especialmente quando se trata de poesia. O jovem Werther, na obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, ao admirar uma tempestade que se aproxima em uma tarde de verão, acompanhado de Carlota, menciona o autor Klopstock. Ela, instantaneamente, muito surpresa diz que pensou na mesma poesia, na ode *Frühlingsfeier* (festa da primavera). Em *A valsa da Medusa*, Waldvogel, assim como Werther, encontra uma pessoa com quem pode conversar sobre sentimentos, algo muito raro em um cenário tão inóspito como o da vida praticamente selvagem nas novas colônias abertas nas matas no interior do Rio Grande do Sul no século XIX. E o próprio Tristan digladiava-se com a questão sobre ficar ou voltar à Europa, como se lê a seguir: “Gostar desta terra, do clima saudável, do povo alegre, dos largos espaços abertos, isso não era difícil. [...] Mas, por outro lado, poder viver longe dos teatros, da música, dos livros? Não terminaria por sucumbir ao atraso e à indolência?” (ASSIS, 1989, p. 22).

A seguir, uma passagem da obra em que se está trabalhando na derrubada da mata, umas das funções previstas com a vinda dos imigrantes europeus. No discurso do imigrante, percebe-se, no entanto, o preconceito para com o nativo, no caso o índio, o qual é expulso de suas terras com o avanço das clareiras:

- parece mentira que esses índios tenham alguma coisa a nos ensinar. É como se nós, renanos, tivéssemos algo a aprender com a gente atrasada da Pomerânia; como se o sacristão pudesse dizer missa ao vigário! – Peter Schneider cuspiu para o lado e olhou de viés para Inácio Correia, seu empregado. – Tenho que me cuidar – segredou – logo essa bugrada ladina estará entendendo o alemão.

[...]

- Aqui, Herr Waldvogel, é o melhor lugar para construir sua moradia – Tristan até se admirou da opinião segura de Jacob Eick, homem de raríssimas palavras. Viera, como outros vizinhos, assistir à primeira queimada, que funcionava, segundo Robert Toillier, como uma espécie de cerimônia de iniciação à vida de proprietário. (ASSIS, 1994, p. 26-27).

Finalizando a breve análise sobre a obra de Valesca de Assis, cabe muito bem um comentário do também escritor Charles Kiefer. Conforme Kiefer, na obra existe uma busca por

um passado histórico, o da colonização alemã do estado. Avulta no livro o trabalho de pesquisa, a construção pensada tanto do enredo como das personagens e o estilo real-naturalista, oscilando entre o narrativo e o descritivo. Como se fiel ao tempo sobre o qual se debruça, *A Valsa da Medusa* é exuberante e trágico. Um soldado brummer, mercenário alemão, depois de lutar contra Rosas, acaba detendo-se na colônia de Santa Cruz do Sul e incendiando o coração de uma aldeã. Amor, loucura, traição e morte sucedem-se num turbilhão, a exemplo dos modelos românticos.⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o contexto da imigração de língua alemã para o Brasil, especialmente para o estado do Rio Grande do Sul, e sua posterior ficcionalização, temos à nossa disposição elementos que nos permitem poder – após praticamente duzentos anos do início desse movimento humano – dizer que foi um evento histórico de amplas dimensões e de particular importância em suas implicações econômicas, linguísticas, religiosas, literárias e culturais. Além disso, e além do óbvio desenvolvimento natural da imigração, não podemos esquecer dos traumas resultantes do processo de adaptação no Brasil. Os imigrantes não tinham desistido da sua pátria ao emigrarem e também não pretendiam simplesmente uma viagem de aventura para o continente americano. Muitas vezes não tinham outra forma de sobreviver. Eles tiveram que construir uma nova identidade para poderem sobreviver ao exílio do Brasil, aos preconceitos, às forças políticas e sociais. Nesse sentido, embora a literatura brasileira só tenha tratado tardiamente da questão da imigração alemã e ignorado suas contribuições por muito tempo, ela o faz, especialmente no século XX, e não apenas elogiando ou os apresentando como vítimas, mas dando uma forma variada disso que é o resultado de movimentos migratórios. No entanto, embora os alemães sejam protagonistas da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a literatura constrói uma imagem positiva dos imigrantes, na qual eles são incorporados à vida social do Brasil. Entre as obras aqui mencionadas, apenas *A ferro e fogo*, 150 anos após o início da imigração, tenta escrever uma história da imigração entre 1824 e 1880. Os dois outros abordam vários aspectos que, na sua totalidade, contribuem para uma visão ampla da imigração alemã nos séculos XIX e XX por meio da ficção.

⁹ A citação é de Charles Kiefer, extraída da Fortuna Crítica da autora, reunida em um arquivo à página http://www.valescadeassis.com/arquivos/critica_valsa.pdf. Ver páginas 12 e 13.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ivânia Campigotto. **A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense**. Passo Fundo: Ed. UPF. 2007.

ASSIS, Valesca de. **A valsa da Medusa**. Porto Alegre: Movimento, 1994.

ASSIS, Valesca de. Acesso em: http://www.valescadeassis.com/arquivos/critica_valsa.pdf.

DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Ed. Sinodal; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FIÃO, José Antônio do Vale Caldre e. **A divina pastora**. 2. ed. Porto Alegre: RBS, 1992.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808 - 1824 - 1974**. Trad. Guido F. J. Pabst. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo: tempo de guerra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo: tempo de solidão**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

HUNSCHÉ, Carlos H. **O biênio 1824/1825 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. Porto Alegre: A Nação e IEL, 1975.

HUNSCHÉ, Carlos H. **O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial - magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: UFSC, 1991.

NEUMANN, Gerson R. **Brasilien ist nicht weit von hier!** Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800 - 1871). Frankfurt am Main/ Berlin: Peter Lang, 2005 (Europäische Hochschulschriften. Reihe 1 Deutsche Sprache und Literatur. Bd. 1909).

NEUMANN, Gerson Roberto. A emigração alemã para o Brasil e sua presença na literatura brasileira. *In*: Wail Hassan; Rogério Lima. (Org.). **Literatura e (I)Migração no Brasil**. Literature And (Im)Migration In Brazil. 1. ed. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020, v. 1, p. 83-99.

PETRONE, Maria T. S. **O imigrante e a pequena propriedade: 1824-1930**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROCHE, Jean. "Die Deutschen im brasilianischen Schrifttum." *In: Romanisches Seminar der Uni Bonn*, Bonn: o. V. 1968.

SANTOS, Pedro B. Caldre e Fiação: um pioneiro esquecido. *In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo: USP, 2008, p. 1-5.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1946.